

A VIAGEM QUE NÃO HOUE

Em 1962, meu pai, que era um viajante por natureza, levou eu e meus dois irmãos mais velhos, Luiz Gonzaga e Marcos, numa viagem rodoviária de Franca a Porto Alegre (POA), aproximadamente 1.100 quilômetros de estradas nem sempre pavimentadas, nenhuma em pista dupla. Eram tempos de Brizola no governo estadual gaúcho logo após a vitoriosa campanha de sua Rede da Legalidade que levou João Goulart à presidência e ao parlamentarismo após a renúncia de Jânio. O objetivo de meu pai com a viagem não tinha nada de político, queria comprar máquinas para curtumes. O fato é que se tornou uma viagem mítica para a família, cheia de boas lembranças.

Quase 60 anos depois, nossos pais já falecidos, pensamos em repetir a dose com as esposas e as irmãs que não foram naquela viagem. Já eram outros tempos, tão difíceis quanto aqueles. Bozonaro havia vencido as eleições e o país iniciava um tempo semelhante ao das 7 pragas do Egito. Dia após dia havia um desmonte deliberado das instituições culturais e das universidades, afrontas à justiça, estupidez contra o jornalismo profissional e a ciência, negacionismo climático, destruição da Amazônia e doses cavалares de burrice. No congresso e fora dele, a turba extremista de direita eleita produzia disparates um após outro. Os cinco irmãos próximos para mais ou para menos dos 70 anos bem vividos, começamos a pensar um roteiro para o Rio Grande do Sul, partindo de avião de Viracopos (para lembrar Jânio) em Campinas sem escalas, madrugando em Porto Alegre. Dali iríamos diretamente até Pelotas (262 km) em dois carros alugados para conhecer seus doces (é a capital nacional do doce), os maravilhosos casarões da região central e histórica da cidade, as bordas da Lagoa dos Patos, as charqueadas. Enfim, um rolê em Satolep, a terra dos irmãos Ramil, Kleiton, Kledir e outros k.

Na manhã seguinte, bem cedo, partiríamos em direção a Santa Maria, na região central do estado (557 km). O tempo seria pequeno, apenas um giro pela região central, a vila Belga, a estação ferroviária e pela famosa universidade federal. No dia seguinte, também cedo, sairíamos para o verdadeiro destino: São Miguel das Missões, mais 540 km de estrada. Sim, cansativo para os velhinhos, mas tudo novidade. Na região missioneira ficaríamos duas noites, conheceríamos o sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, o museu projetado por ninguém menos que Lúcio Costa, culminando com o espetáculo de luz e som à noite sobre a história do lugar e da região. Dali em diante o retorno para POA, a gente ainda ia passar rapidamente por Ijuí e ver o prédio novo do SICREDI, ia dormir nalguma cidade pelo caminho e no dia seguinte acabaríamos de chegar em POA para embarcar de volta.

Tudo certo, passagens compradas, hotéis reservados e pagos. O embarque seria no início de abril de 2020. No início do ano, notícias estranhas e impactantes começaram a chegar da China e logo do mundo todo. Era a epidemia de COVID, mais uma das 7 pragas dos tempos bozonaristas, cloroquina, atrasos na vacina, falta de insumos básicos em hospitais, 700 mil brasileiros mortos em pouco tempo de inação e estupidez governamental. Fechados em casas, não pudemos viajar. Quando, no ano seguinte, a crise sanitária arrefeceu, todos vacinados, as passagens dobraram de preço, o medo ainda era grande em viajar, hotéis também querendo revisar tarifas. O turbilhão da vida, doenças em família, outras prioridades, o mundo tinha virado de ponta cabeça.

A viagem ficou para as calendas gregas, nunca ocorreu, perdemos o dinheiro e o impulso que havia movido a tropa. Restaram as lembranças daquela viagem de 1962 e da que não aconteceu. Não importa, foi bom sonhar.

Mauro Ferreira é arquiteto